



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE LETRAS

MARCOS ROBERTO SANTOS DE JESUS

SANTA TAMBÉM GOZA:
A POESIA PROFANA E SAGRADA DE ALBERTO CARVALHO

ITABAIANA - SERGIPE

2022

MARCOS ROBERTO SANTOS DE JESUS

SANTA TAMBÉM GOZA:

A POESIA SAGRADA E PROFANA DE ALBERTO CARVALHO

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao departamento de Letras de Itabaiana (DLI), da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como um dos requisitos para obtenção da licenciatura plena em Letras — Português.

Orientadora: Adriana Sacramento

Itabaiana, junho, 2022.

Para Maria do Carmo Santos,
minha mãe. Dona do maior
coração que já vi. Por tudo que já
fez e ainda faz por todos nós.

AGRADECIMENTOS

Agradeço novamente à minha mãe pela vida e pela criação dada e a minha avó, Josefina Cordelina dos Santos, pela criação; à Sidicley, meu padrasto; Jenisson, Rikelmy, Raí, Kauã e Maria Victória, meus irmãos e irmãzinha, por fazerem parte da melhor família que eu poderia ter, e que muito me foi importante esse tempo todo. Em especial, ao meu irmão Adriano, pelos anos que moramos juntos, que me incentivou e pelas vezes em que permitiu que eu voltasse a morar com ele, sempre que precisei; À Mônica Mota, amiga e poeta de Brasília, pela amizade, pelo incentivo para cursar Letras, voltar a ler, escrever, e por todas as horas de conversa, poesia e cerveja pela capital do país; À Do Frei Records, à Dw, Weider e Allgust, parceiros de vida e rap, pela amizade real, por tudo que me ensinaram, por todo o apoio de sempre e também a todxs que conheci até hoje no movimento hip-hop, onde aprendi a viver no mundo; Aos amigos de curso e “academicismo moleque”: Nadson Cardoso de Jesus, Antônio Alfredo Santana Santos, pela parceria e amizade, pelos cafezinhos na vivência, pelo dominó, pela sinuca, pelas conversas e risadas e horas de estudo e à Douglas Magnilson, por tudo isso também, mas principalmente por ser o irmão que a universidade me deu, pela amizade sincera, literatura e álcoois; À Isabella Kassan, minha namorada, acácia doce do meu sonho, por todo o amor, diálogo, abrigo, aconchego, apoio, doçura, riso e incentivos de sempre; À minha orientadora, Adriana Sacramento, pelos ensinamentos, pela paciência de sempre e por ter aceito me orientar nesta monografia, serei sempre grato por isso.

*“Trata-se de chegar ao
infinito pela desorganização
de todos os sentidos.”*

Arthur Rimbaud

“Só se goza onde há mucosa”

Alberto Carvalho

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo investigar as relações que o sagrado e o profano estabelecem no erotismo e como elas se dão nos poemas eróticos de Alberto para a partir disso, buscar entender como essa poesia se impunha em sua obra como um todo. Através das obras do francês Georges Bataille, *O Erotismo*, e do mexicano Octávio Paz, *A Dupla Chama: amor e erotismo*, pretendi buscar dialeticamente nos polos sagrados e profanos do erotismo a forma como se dava essa relação sagrado/profano, erotismo/pudor, que segundo os autores é um dos caminhos traçados para se chegar ao que o poeta sergipano retratava em seus poemas e ao longo de toda a sua carreira poética.

Palavras-chave: Sexualidade; Poesia; Animalidade; Literatura Sergipana

ABSTRACT

The project aims to investigate the relationships that the sacred and the profane establish in eroticism and what forms they take in Alberto Carvalho's erotic poetry and from that, seek to understand how this poetry imposed itself, taking into account the society of its time and the relationship between the two. Through the works of the French Georges Bataille, *The Eroticism*, and the Spanish Octávio Paz *The Double Flame: Love and Eroticism*, to seek the dialectic and the shocks of the poles of eroticism and the way in which this sacred/profane, eroticism/decency relationship took place according to the authors, is one of the paths traced to arrive at what the Sergipe poet portrayed in his poems and throughout his poetic career.

Keywords: Sexuality; Poetry; Animality; Sergipe Literature

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 ALBERTO CARVALHO, VIDA E OBRA	6
3 SERGIPE NA SEGUNDA METADE DO SÉC XX	8
4 O EROTISMO, O SAGRADO, O PROFANO	11
5 O EROTISMO SAGRADO E PROFANO DE ALBERTO CARVALHO	23
6 CONCLUSÕES	35
REFERÊNCIAS	37
ANEXO	38

1 INTRODUÇÃO

A presente monografia tem como objetivo investigar as relações entre o sagrado e o profano no erotismo a partir da obra erótica do autor Alberto Carvalho, e como se dá o erotismo em sua obra, se de forma sagrada, se de forma profana. A apresentação desta monografia se faz necessária por alguns fatores: o resgate de nomes não mencionados frequentemente na literatura sergipana, a saber, o poeta e crítico de cinema, Alberto Carvalho; e a relação que a análise de sua obra diante desse tema pode estabelecer com a situação que vivemos hoje em dia aos tratarmos de poesia e erotismo na sociedade.

A obra poética de Alberto Carvalho será analisada através da visão sobre erotismo de dois escritores: Octávio Paz e George Bataille. O primeiro, em seu livro *A dupla chama: amor e erotismo*, faz um traçado da história do erotismo até os dias atuais diante de uma visão dialética e poética do tema, considerando sua complexidade, profundidade e matizes, e como ele foi tratado nas mais diferentes épocas. Por sua vez, Bataille traça um panorama que vai dos tempos primitivos até os atuais, analisando sobre o prisma do sagrado, profano, psicológico e místico, dimensionando seus aspectos, nuances, influências e formas como se unem e se separam, mostrando o erotismo como categoria motriz que impulsiona as ações em sociedade. Os dois autores trazidos são tidos como grandes pesquisadores do assunto e creio que contribuirão em muito para a análise da obra de Alberto Carvalho.

Por fim, na poesia de Alberto Carvalho, uma produção com o total de seis livros de poesia (sem contar prosa, crônicas e resenhas sobre cinema) algo em torno de 10 poemas de cunho erótico e sensual criados ao decorrer de sua larga carreira poética serão os objetos de análise neste trabalho. São poemas escritos dos anos 60 aos 90, período que historicamente e culturalmente abarcam regimes ditatoriais no Brasil, mudanças econômicas e a retomada da democracia, abarcando assim também, por consequência, poesia e erotismo na sociedade brasileira nesse ínterim, tudo isso sobre a pena do poeta modernista e crítico de cinema e sua veia poética, erótica e sarcástica. O recorte histórico e teórico a ser feito partirá com base na sociedade sergipana dessa época e sua situação em total relação com a poesia de Alberto.

A questão contextual que se levanta em sua poesia erótica e de caráter modernista é: como se dá o erotismo nesses poemas? De forma sagrada ou profana? Tais perguntas são pertinentes pelas referências sacra e barroca, por exemplo,

encontradas a todo momento no decorrer de sua obra e pela sua verve satírica, erótica e humorística, que coabitam com elas, numa situação dialética por excelência. Sobre anteriores pesquisas sobre a obra do poeta em si, não foram encontrados nenhum tipo de artigo ou análises mais extensas desse cunho, ilustrando assim a imensa lacuna que fica quanto à análise de seus textos e poemas, fazendo assim o trabalho um pouco mais difícil, mas nem por isso menos necessário e urgente para a pesquisa da literatura sergipana.

Ademais, esta monografia buscou expor o como o erotismo se dá na poesia de Alberto Carvalho, com a intenção de entender como se dava a relação entre o sagrado e o profano e em qual campo a poesia de Alberto transitava. Assim, será necessário partir do método não indutivo e dialético para cotejar as visões sobre erotismo e o modo como elas acontecem nas obras de Alberto Carvalho.

De antemão, foi consultado todo o acervo poético de Alberto Carvalho que continham todos os poemas criados ao longo de sua carreira literária. Ademais, no primeiro capítulo e segundo capítulo desta monografia foram consultadas toda a bibliografia disponível referente à vida de Alberto Carvalho (que era escassa e dispersa) e a bibliografia que relata a situação política e histórica de Sergipe nas respectivas épocas em que foram criados os poemas, com o intuito de contextualizar a produção do autor e melhor contextualizar sua criação e sua relação com a sociedade da época e seus ideais.

O terceiro capítulo, consistiu na leitura de materiais bibliográficos sobre o erotismo para a partir dos materiais chegar a uma definição e seguir a abordagem/análise do assunto presente nos poemas de Alberto Carvalho.

Por último, no quarto capítulo, após a devida consulta bibliográfica em livros, sites e afins, foi feita a discussão sobre erotismo e sua relação com o sagrado e o profano; como se dá esse erotismo na poesia de Alberto e qual a forma em que ele se apresenta em seus poemas. Desse modo, o trabalho sincrônico passará por esses três momentos com o intuito de descobrir como Alberto sentia/transcrevia a questão do erotismo em sua obra, que por sua vez é um retrato da época em que viveu, além de trazer à tona uma parte da extensa e prolífica poética deste poeta sergipano.

2 ALBERTO CARVALHO, VIDA E OBRA

Nascido em 3 de novembro de 1932 (ou “derrubado no mundo”, como Alberto mesmo diria em seu livro de memórias), na cidade de Itabaiana, Sergipe, filho de Ivo Carvalho e Maria Elisa Carvalho (a Iaiázinha, como carinhosamente chamava), o escorpiano Alberto Carvalho foi um poeta itabaianense. Filho da terra, nela passou a infância e a adolescência, onde concluiu o curso primário, no Colégio Guilhermino Bezerra, até 1944, ano de conclusão do mesmo. Em Itabaiana, junto a outros intelectuais da terra, fundou um cineclube, um clube do trabalhador e simpatizou com o Partido Comunista¹ (Samarone, 2020). Em 1945, é admitido no exame do ginásio e fixa residência em Aracaju, onde permanece até a sua morte. Realiza cursos secundários e colegial no Atheneu até 1951. No mesmo ano conclui o curso técnico em Contabilidade, partindo depois para o Bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais da Faculdade de Direito em Sergipe, na turma de 1956. Conclui o curso, mas não chega a exercer a profissão. Ainda foi funcionário do Banco do Brasil, Professor Titular de História Econômica Geral e do Brasil na Universidade Federal de Sergipe desde 1964, ano de sua fundação. Também foi dirigente de centros culturais em Aracaju (Sociedade de Cultura Artística de Sergipe, Cine Clube de Aracaju) e realizou várias palestras e cursos (no FASC, SESC/SENAC etc.) sobre artes plásticas e cinema, uma de suas maiores paixões.

Foi casado com a aracajuana Tereza Nadir, desde 1960 até 1999 (ano de sua morte), a qual dedica e refere-se em sua *Dispersa Memória* (2002) como grande amor e maior crítica de suas obras. Juntos, tiveram três filhas: Ana Miriam, Luciana Maria e Elisa Adriana.

Exerceu também a profissão de jornalista, onde colaborou com críticas literárias e cinematográficas em vários jornais como *Jornal da Cidade*, *Gazeta de Sergipe* (1957-1961), *Sergipe Jornal* (1964-1965) e *Diário de Aracaju* (1966), além de colaboração diária em vários órgãos e revistas.

Publicou, entre prosa e poesia, muitas vezes mesclando ambos os gêneros em sua obra, um total de 6 livros: *Quase 30 poemas* (1958); *Em busca do verso* (1959); 8 poemas densos em colaboração com Santo Souza, Hunald de Alencar e Renato Nunes

¹ Informações trazidas por Antônio Samarone, médico sanitarista e escritor sergipano, no seu blog “Em defesa das causas perdidas” nos posts “Arraial, Villa ou Cidade” e “Gente Sergipana – Luiz de Magalhães”, ambos datados de 2020. Samarone também conviveu com o escritor itabaianense.

(1964); Textamento (1961); Sexteto, Opus ½ com Paulo Fernando T. Moraes e José Augusto Garcez (1985); Vão Livro (1996), Leonardo, Bernini e outros poemas (1998-1999) e Dispersa Memória (2001), livro onde mescla memória, poesias, crônicas e ensaios. Participou também de várias antologias, como: Panorama de poesia em Sergipe (1963); Contos e Contistas Sergipanos (1979); Poesia Sergipana (Uma Antologia) (1988); Prosa Sergipana (Uma Antologia) (1992); NOR Destinos (1994) e Poesia Sergipana no Século XX, (1998). Escreveu também ensaios sobre os pintores Adauto (1990) e Florival Santos (1995) (Carvalho, 2001). Criou também a ACÊ Edições, uma editora própria, onde publicou Leonardo, Bernini e Outros Poemas (1998-1999) e Dispersa Memória (2001), com prefácio de Vladimir Souza Carvalho, seu último livro lançado em vida. Além do volume Toda Poesia (2005), reunindo toda a sua obra poética, organizado por Vladimir Souza Carvalho em iniciativa da Secretaria de Estado da Cultura, publicado postumamente. Com características e influências barrocas, românticas e até surrealistas, seus temas vão desde a sociedade, o cotidiano, a política, o cinema, a arte, o amor, a filosofia, até o escárnio e o erotismo, tema tratado nesta presente monografia.

Passando pelos climas de pós Segunda Guerra Mundial, ditadura de 64 e reabertura democrática de 1988, a poesia de Alberto não poderia deixar de ser incisiva e provocativa em relação à sociedade sergipana e ao mundo, politizado desde sempre, perspicaz e lúcido que era sobre os acontecimentos, sobre os quais tanto discorreu em crônicas quando trabalhava nos vários jornais pelos quais passou em Aracaju².

Conhecedor da história do Brasil, especialmente de Sergipe, pululam também em sua obra a cultura, os costumes e a história do povo sergipano e seu lugar na formação do povo brasileiro, mostrando assim um retrato fiel e poético do estado em que nasceu e viveu.

Vivendo no contexto de uma sociedade conservadora e católica, tendo em vista as administrações coronelistas e militares da Aracaju da segunda metade do séc. XX, a modernidade de Alberto trazia de tudo um pouco, onde era um pouco contra tudo, deixando sempre sobressair seu escárnio e sua revolta em certos momentos de sua obra.

² O levantamento biográfico sobre Alberto e sua vida foi feito com base na breve mas ótima biografia inclusa em seu livro Dispersa Memória (2001) e no texto de quarta capa de Toda Poesia (2005), obra que reúne toda a sua poesia publicada, ambos escritos e prefaciados por Vladimir Souza Carvalho, grande escritor sergipano e amigo pessoal do poeta.

Com influências de música clássica e barroca, bossa nova, samba, cinema em geral, pintura, arte barroca italiana, literatura brasileira, árabe, francesa, latina, história, sociologia, todas claramente referenciadas ao decorrer de sua obra, Alberto circula entre o regional e o universal, indo do cronista local ao poeta modernista fragmentado e imerso no caldeirão de culturas, versando sobre o cotidiano e o eterno, o claro e o escuro, a humanidade e o mundo, o cômico e o trágico, a paixão e o escárnio, o amor e o erotismo em suas várias facetas, ainda mesmo o próprio considerando-se, como dito ao final das suas memórias, num tom sempre escarnecedor e desiludido, apenas um escritor abundante em improvisação.

Especialmente para esse trabalho, serão analisados alguns poemas publicados nos seus seguintes livros: *Em busca do verso* (1959) e *Leonardo, Bernini e Outros Poemas* (1999).

3 A SERGIPE DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX

Publicado em 1959, *Em Busca do Verso* é o segundo livro de Alberto Carvalho, quando ainda tinha 27 anos.

Sergipe, mesmo que ainda povoada com as disputas políticas entre o UDN e o PSD, iniciava seu avanço econômico, educacional e cultural, com a criação das primeiras estradas de rodagem, aumento da rede de energia elétrica, açudes, incentivo de novas culturas agrícolas, primeiros cursos universitários (e dava seus primeiros passos para a criação de sua primeira universidade pública, a UFS) jardins de infância, movimentos para a implantação de escolas públicas e pela alfabetização dos trabalhadores rurais e da população do interior (como o Movimento de Educação de Base – MEB, iniciativa do arcebispo Dom José Vicente Távora) de teatros, livrarias, (como a Livraria Regina, onde Alberto publicou seus dois primeiros livros), mesmo pouca gente participando desses espaços, devido a maior parte da população sergipana não frequentar a escola e os níveis de alfabetização ainda serem altíssimos (SANTOS; OLIVA, pgs. 98-99, 1998).

A União Democrática Nacional (UDN) vinha de dois governos, desde 1955, e era o partido dominante no estado e favorável ao movimento de expansão industrial que vigorava na era Vargas, antes do seu suicídio em 1954, porém contrário à sua tendência populista e políticas favoráveis ao povo.

Paralelo a esse progresso industrial que se iniciava na capital, em 1958, a grande seca que afetou o nordeste se alastrava pelo interior e zona da mata sergipana, alvos da disparidade de transformação, investimento e desenvolvimento entre os estados do Sudeste, São Paulo e Rio de Janeiro, e o Nordeste como um todo, agravando em muito a saída dos nordestinos para outras regiões do país em busca de melhores condições de vida. Em sua condição econômica, Sergipe, de base agrícola, via seu declínio em meio ao avanço das indústrias e da pecuária, o que suscitou muitos protestos e campanhas em favor da Reforma Agrária. A fome, a miséria e a doença afetavam muitos municípios do interior e da zona da mata, de economia essencialmente agrícola e ainda afastados e carentes do saneamento básico, da industrialização e da modernização que começavam a se fazer presentes na capital, Aracaju (SANTOS e OLIVA, 1998).

Tamanha inquietação social contribuiu em muito para a derrota na eleição do Governo do Estado, e Leandro Maciel, grande chefe político da época, perdeu para um ex-UDN, mais alinhado e preocupado com os problemas sociais, Seixas Dórea, candidato eleito em 1960. Seixas tinha o apoio de João Goulart, o Jango, presidente e antigo aliado de Getúlio Vargas, e também era afeito as transformações e reformas sociais que o país precisava, as muito exigidas “reformas de base” (SANTOS e OLIVA, 1998).

Já os livros, *Vão Livro* (1996) e *Leonardo, Bernini e Outros Poemas* (1999), lançados praticamente no final do século XX, quase virada do milênio, encontravam Sergipe numa situação bem diferente de quando Alberto lançou suas primeiras obras, na Sergipe dos anos 50. Com as faculdades públicas já consolidadas, ampliadas e criando novos cursos facilitando a vida das camadas médias e pobres que não podiam ingressar no ensino superior, apareceram também mais faculdades particulares como a Unit, criada em 1996. O FASC, consolidado como evento cultural há mais de vinte anos, junto a outros eventos de várias outras cidades, como por exemplo, o Encontro Cultural de Laranjeiras, estimulavam a vida cultural e a participação do público (SANTOS e OLIVA, 1998)

Em sua economia, baseada na agricultura de subsistência, pecuária e o algodão que influenciaram o surgimento de novas localidades e o crescimento do espaço sertanejo e agreste, Sergipe tentava superar as “difíceis condições climáticas da região, onde as frequentes secas impedem a produção de alimentos e matam o gado” (SANTOS; OLIVA, 1998, pg.119) e dependente de ações do governo para minimizar seus problemas, foram iniciados os projetos de irrigação através da construção de barragens

em várias cidades do estado, tais como: Lagarto (Projeto Piauí), Itabaiana (Ribeira e Jacarecica), Tobias Barreto (Jabiberi), Propriá e Cedro de São João (Cedro), Canindé do São Francisco (Califórnia), Neópolis, Ilha das Flores, Brejo Grande e no Baixo São Francisco (Neópolis). Resultado do avanço do capitalismo no campo com o intuito de modernizar a agricultura, essa atitude do Estado junto ao Governo Federal tinha inicialmente o intuito de incitar e integrar a economia sergipana, ainda que provocasse divisões no que diz respeito aos problemas sociais, devido a expulsão de trabalhadores da região para privilegiar o capital privado e a abertura de empresas alimentícias para a exportação. Ainda assim, a partir desse impulsionamento econômico de setores básicos da economia (o setor extrativo mineral, a indústria e suas áreas de concentração de estabelecimentos industriais na capital e no interior) Sergipe crescia também agora com aumento da população que trabalha no setor terciário, que além da capital, cresceu principalmente em municípios do agreste com comércios, hospitais, bancos, repartições públicas e transportes; contava também, paralelo a esse crescimento, com o setor informal, expandindo as oportunidades para quem não conseguia emprego nas indústrias. Não sendo mais a Sergipe pré-industrial da década de 50, o estado trazia agora as alegrias e agruras de uma economia inserida de fato no capitalismo industrial, conforme ressaltam Santos e Oliva (1998).

Vinda de uma elaboração da Constituição Estadual, em 1989, com o intuito de organizar o país depois do Regime Militar, Sergipe já tinha eleições diretas e partidos novos há um tempo. Sobre essa reabertura democrática, encontramos alguns detalhes na obra “Uma História do Povo de Sergipe”, de Antônio Risério (2010). O autor situa a luta entre as frentes conservadoras oligárquicas que vinham dominando e controlando tudo em Sergipe há um bom tempo, desde a era pós-colonial, e as novas forças e partidos progressistas de esquerda que surgiam com o novo alento que a democracia adquiria com o fim da ditadura e do bipartidarismo.

Mas o importante não era o vaivém. Era a esquerda que nunca conseguia chegar ao governo estadual, onde revezavam as oligarquias de sempre. Por duas vezes, Jackson Barreto tentou fraturar tal monopólio. Da primeira vez, estabelecendo uma aliança entre PDT e PT, foi batido pelo candidato de João Alves. Da segunda, em 1994, quase chegou lá. [...] Jackson Barreto [...] concorreu contra Albano Franco apoiado pela coalizão PPR+PMDB+PFL+PSDB sob o slogan Sergipe tem Futuro. No primeiro turno Jackson Barreto venceu mas, diante da operação avassaladora dos grupos dominantes, envolvendo a participação de instituições públicas. Foi derrotado no segundo escrutínio. (RISÉRIO, 2010, pg.578)

Desse modo, conclui Risério (2010), que com as sucessivas eleições do direitoista João Alves e Albano Franco para o governo do Estado, Sergipe seguia em sua onda conservadora num pleito que favorecia mais uma vez o patronato urbano e rural e os grupos da classe dominante, como resultado de uma das maiores coalizões políticas da história de Sergipe. Tudo isso enquanto as forças progressistas do estado, que reconfiguravam e davam novo alento e cara à cena política sergipana, se fragmentaram e teriam que esperar mais algumas eleições para finalmente conseguir a vitória de forma significativa em todo o Sergipe, o que só ocorreu em 2004 e 2006, com Marcelo Deda sendo reeleito prefeito de Aracaju e governador de Sergipe, respectivamente. Porém, essa vitória inédita não assegurava de forma alguma que as forças oligárquicas e conservadoras não voltassem em uma nova onda para governar, deixando o futuro político de Sergipe em aberto e em constante indefinição diante desse novo cenário.

4 O EROTISMO, O SAGRADO, O PROFANO

Este breve capítulo tem como objetivo trazer um resumo das definições dos dois autores, Paz e Bataille, sobre o erotismo. Antes de tudo, tentar é uma palavra certa, dado que não há como definir o erotismo de forma satisfatória dada a sua complexidade e camadas. Situado entre o amor, a sexualidade, o erotismo e a religião, o sexo é umas das forças motrizes da humanidade. Para Paz (1994), sem o sexo, não há sociedade. É o desvio da função reprodutora dos seres humanos. Longe de poder ser abordado cientificamente, nem como ser visto de fora, o erotismo precisa sobretudo ser vivido para ser entendido, por ser uma experiência que abrange vários campos da vida humana. Sobre isso, Bataille afirma:

Creio que o erotismo tem para os homens um sentido que a abordagem científica não pode alcançar. O erotismo só pode ser objeto de estudo se, em sua abordagem, for o homem o abordado. Especialmente, ele não pode ser abordado independentemente da história do trabalho, independentemente da história das religiões. (BATAILLE, 1998, pg.7)

Sendo assim, antes de situarmos o erotismo e a complexa teia em que ele reside, para melhor o significar, é lícito falarmos sobre continuidade e descontinuidade, transgressão e interdito. É essa permanência do interdito mesmo sob transgressão que é o suporte do erotismo e das religiões. Bataille, que entra mais nesse pormenor do que

Paz, que vê o aspecto da transgressão agir mais no amor, alerta para a dificuldade em comunicar essa experiência que por si só possui obstáculos que parecem de outra natureza: a relação com o interdito que a funda. É difícil falar de coisas irreconciliáveis, tais como o respeito à lei e à sua violação. Assim, ou o interdito age, numa experiência que não se realiza ou só se realiza casualmente, permanecendo no inconsciente, ou não se realiza, o que é mais desfavorável. Para a ciência, o interdito é patológico. Vendo-o de fora, o vemos de forma doentia e vemos como penetra exteriormente em nossa consciência, tornando assim o sentido menor, pois são descritos como objetos apenas, juntamente com a transgressão. Segundo Bataille (1998) erotismo e a religião são horríveis e fechados se não tratados, situados na experiência interior, forma como o vivenciamos e o experienciamos melhor de fato. Precisamos vê-lo e encara-lo como o movimento do ser em nós mesmos.

Na atividade sexual, conforme os seres se reproduzem, os outros seres são reproduzidos. No entanto, esses seres reprodutores e reproduzidos não são iguais, assim como os reproduzidos não são iguais entre eles, o que gera o sentimento de descontinuidade. Pois só ele nasce e é o único interessado direto. Se morremos, somos nós quem morremos e não os outros. É um abismo que separa os seres e não há como ser suprimido. Para melhor ilustrar esse estado de passagem, Bataille sugere que nos imaginemos duplicados e que não sobreviveríamos dessa duplicação, já que os duplos nascidos seriam essencialmente diferentes de nós como somos agora. Para ser o mesmo que nós, um deles deveria ser contínuo ao outro e não oposto como geralmente acontece. Tal como acontece na fusão entre o espermatozoide e o óvulo, num exemplo mais ilustrativo ainda (1998, pg.11).

Por fim, sobre o contínuo e o descontínuo, Bataille mostra que:

Em nossa origem, há passagens do contínuo ao descontínuo ou do descontínuo ao contínuo. Somos seres descontínuos, indivíduos que morrem isoladamente numa aventura ininteligível, mas temos a nostalgia da continuidade perdida. Não aceitamos muito bem a idéia que nos relaciona a uma dualidade de acaso, à individualidade perecível que somos. Ao mesmo tempo que temos o desejo angustiado da duração desse perecimento, temos a obsessão de uma continuidade primeira que nos une geralmente ao ser. A nostalgia de que falo nada tem a ver com o *conhecimento* dos dados fundamentais a que aludi. Alguém pode sofrer por não estar no mundo como uma onda perdida na multiplicidade das ondas, que ignora os desdobramentos e as fusões dos seres mais simples. (BATAILLE, 1998, pg.13)

Morrendo isoladamente nessa aventura perdida, é o erotismo em seus mais variados caminhos que nos leva a substituir esse vazio do ser e sua descontinuidade, por essa nostalgia, esse “sentimento de continuidade profunda” (1998, pg.13). Do abismo que separa os seres, gerando o sentimento de descontinuidade, esse abismo se mostra, vertiginoso, fascinante; esse abismo, de certa forma, é a morte. Para os seres descontínuos, é ela que tem o sentido da continuidade. A reprodução dos seres, a continuidade dos seres e a morte, são misteriosos, fascinantes e isso domina o erotismo (1998, pg.13).

Segundo o filósofo francês, na passagem do animal ao homem, todos os acontecimentos desse período foram totalmente subtraídos, não havendo registros dessa época. O pouco que sabemos é que no início da história humana fabricamos instrumentos para ajudar na nossa subsistência e para nossa necessidade, fato que nos diferencia e distingue definitivamente dos animais: o trabalho³. Provavelmente a guerra e o sexo surgem nesse mesmo tempo, se diz provavelmente pois não existem dados sobre essa época, conforme Bataille (1998) sugere. Mas o trabalho criou, de forma lógica, a reação que determina a nossa atitude diante dos mortos. Assim, é legítimo pensar que o interdito limitando a sexualidade pode ter sido o contragolpe e que conjunto de nossos comportamentos fundamentais —trabalho, sexualidade e consciência da morte— remontam a um período distante. Fica aí um dado incerto, mas não tão prejudicial assim. Segundo Bataille (1998), os vestígios do trabalho datam do paleolítico inferior, enquanto os do sepultamento datam do paleolítico médio, datando de centenas de milhares de anos. Daí já partem a mudança onde o homem se desvencilhou da animalidade inicial, da qual escapou trabalhando, compreendendo que morria e da sexualidade livre, sem limites, animalesca, à uma sexualidade envergonhada e mais pudenda, de onde nasce o erotismo. O homem, nosso semelhante desde as cavernas, é determinado por esse conjunto de mudanças existentes no plano religioso e que ele traz consigo.

Ainda, Bataille postula que é na experiência do interdito e da transgressão, onde se dá o conhecimento do erotismo ou da religião, através de uma experiência pessoal sem a qual não é possível conhecê-la. Porém, essa dupla experiência é rara. Imagens eróticas ou religiosas podem suscitar ou não os comportamentos do interdito. As

³ Bataille não aprofunda essa informação no sentido antropológico, mas no sentido de possível origem do erotismo.

primeiras são tradicionais; as segundas são possíveis sob o pretexto de ir contra o interdito, num sentimento de volta à natureza. Mas a transgressão difere dessa volta à natureza por transgredir o interdito sem suprimi-lo (1998, pg.24). É na angústia que sabemos que o interdito não é imposto de fora; e por sua vez, essa angústia, sem a qual o interdito não existe, é a experiência do pecado. Pecado que leva à transgressão, transgressão que sustenta o interdito para dele tirar prazer. Prazer que a sensibilidade, principalmente a religiosa, liga sempre estreitamente, seja o medo e o desejo, o prazer e a angústia. Quem não prova dessa angústia, náusea ou horror, não é suscetível a isso. Mas por outro lado, perdem a oportunidade da experiência interior, que faz o homem romper a si mesmo, ultrapassando a consciência objetiva e provocando sua mudança.

Em sua obra, “O erotismo”, Bataille (1998) traz sobretudo uma visão histórica, filosófica e etnográfica do erotismo, analisando sua possível origem e todos os seus fios condutores ligados a ele e que se entrelaçam em vários paradoxos desde o começo da humanidade, indo dos tabus (ou interditos) até o sadismo de épocas mais recentes, perpassando pela história do trabalho, da sociedade, da cultura e das religiões como um todo.

Transgressão, interdito, divino, profano, o erotismo assume muitas facetas. A título de divisão, podemos classificá-los como o próprio Bataille faz nos primeiros capítulos da sua obra: erotismo dos corpos, dos corações e o erotismo sagrado. O erotismo dos corpos, seria a “continuidade como forma de enfrentamento à razão, à morte, à lembrança de pertencimento e igualdade dos corpos, obscenidade como enfrentamento e lembrança da comunidade; ativo e passivo como agente da dissolução. É o erotismo em puro enfrentamento à sociedade. Como em “Praiana II”, do livro “Em Busca do Verso” (1959) de Alberto Carvalho:

“Ah! A praia não tinha dunas
Mas duas apareceram
Quando deitaste de bunda p`ro céu.”

Já o erotismo do coração, é continuidade através do desejo, da busca do ser amado como continuidade e transparência do mundo, resolução dos conflitos e alcance da felicidade como superação do sofrimento por não ter o amado. Flertando com a morte e o suicídio caso não o conquiste, é imaginar a vida com o amado. Erotismo romântico? Morte, à qual Alberto possivelmente se refere (ou não, dada a forma que deixa em aberto

o faria com a amante) no trecho final de Poema da Tara, poema presente no livro “Em Busca do Verso” (1959):

“E se te pegar em um outro dia
Farei (não!) não direi.
Leiam as manchetes dos jornais!”

Por fim, o erotismo sagrado, é continuidade para além de deus e de todos os limites, como bem mostra Alberto neste trecho de Curvas Sustentadas, poema presente em “Leonardo, Bernini e Outros Poemas” (1999):

“A lânguida postura de Santa Tereza
Aguardando a reta flecha do anjo
Palpitando vida, drapejando o mármore
Ainda quente do cinzel
Do genial Bernini,
No arquejo da epilepsia orgásmica.
Santa também goza.”

É o erotismo como morte, como deus. Continuidade tão arrebatadora de forma que chega a ser poética. É superação e encontro com a morte através do sacrifício. Além de tudo, para Bataille, erotismo é uma experiência interior. (Bataille, pg.13)

Já para Octávio Paz (1994), em “Dupla Chama: o amor e o erotismo”, obra analisada e que serve de base para este trabalho, o erotismo está para a poesia assim como a linguagem está para o sexo. Paz aborda o assunto sobre um ponto de vista dialético, poético, acrescentando ainda nesse entremeado de sensações, o amor. Para ele, o amor é dotado de mais transgressão que o erotismo, pois supera a tradição platônica e a cristã, vista sua capacidade de escolha, de exclusividade:

Mas o amor é uma transgressão tanto da tradição platônica como da cristã. Traslada ao corpo os atributos da alma, e este deixa de ser uma prisão. O amante ama o corpo como se fosse alma e a alma como se fosse corpo. O amor mistura a terra com o céu: é a grande subversão. Cada vez que o amante diz: *te amo para sempre*, confere a uma criatura efêmera e cambiante dois atributos divinos - a imortalidade e a imutabilidade. (Paz, 1994, pg.116)

Dado o título da sua obra que trata dessa dupla chama, Octávio Paz trata sobre as relações entre o amor e o erotismo desde a antiguidade até os dias atuais. Segundo Paz, o erotismo é a “poética do corpo; não é mera sexualidade animal, é cerimônia, representação. É sexualidade transfigurada: metáfora” (PAZ, 1998, pg.14); é a força que transfigura o sexo em ritual, em cerimônia, em rito, em poesia através da sexualidade, poesia que os corpos criam ao se tocarem. Indo, dessa forma, além da realidade que o compõe, além do mecanicismo da cópula, desviando das normas, do fim reprodutivo do sexo e criando, poetizando o ato sexual, posto que é “invenção, variação incessante; enquanto o sexo é sempre o mesmo” (Paz, 1994, pg.16). Ou seja, como ato, em seu sentido mecânico, de copular para reproduzir, o sexo é sempre o mesmo. Como erotismo, o sexo já não pode ser mais o mesmo, posto que é sexo transformado em metáfora, é poesia dos corpos, é poesia que pode ser sagrada ou profana, transgressora ou religiosa. Conforme aponta Paz (1994), ao desviar do mecanicismo reprodutivo do sexo, metaforizando o ato em si, o erotismo transgride a sociedade ao ser sexo em ação que suspende a função do ato sexual.

Tendo por base o sexo, e por ser o mais antigo, Paz, assim como Bataille, o vê como mais um dos aspectos da vida, juntamente como o amor e o erotismo. (Paz, 1994, pg.15). Por sua vez, esses dois seriam formas derivadas do instinto sexual, presente também nos animais, mas que ao qual só o ser humano consegue fugir do automatismo, do mecanicismo da cópula animal. O erotismo é humano, por justamente ser metáfora da sexualidade animal (Paz, 1994). No ato sexual, o erotismo é “sede de outridade. É o sobrenatural é a radical e suprema outridade” (Paz, 1994, pg.20) Diferindo assim, da visão de Bataille, na qual os parceiros procuram justamente a solidão no momento do sexo. Alberto expõe justamente essa sede do outro, esse encontro onde, ainda que sangrem, os dois amantes vão, como nos primeiros versos de “Poema da Tara”, do livro “Em Busca do Verso” (1959):

“Num beijo sangraremos
E nossos sangues, grupo A
(tentativa de autópsia)
Coagularão em nossas bocas
Abafando os nossos ais.”

As relações entre o sagrado e o profano que iremos desenvolver daqui em diante, se dão através do erotismo por meio da ultrapassagem de interditos, regras e tabus como caminho para se chegar ao sagrado ou ao profano, caminhos que podem ser delirantes ou religiosos, orgíacos ou penitentes, libertinos ou religiosamente retidos, sangrentos ou culposos, venerando ou execrando as noções de Deus e sociedade, pois são por esses caminhos dúbios e bifurcados que se estabelecem as relações entre o sagrado e o profano no erotismo.

Segundo Bataille, “O amante não desintegra menos a mulher amada que o sacrificador ao sangrar o homem ou o animal imolado.” (Bataille, 1998, pg. 60). Partindo desse ponto, Bataille afirma que a vítima, antes do sacrifício, está fechada na particularidade individual, logo, na descontinuidade. Essa ação de violência, de transgressão do amante, do sacrificador, dá de volta à vítima a continuidade, a volta ao infinito, a ausência da particularidade. Esse seriam uns dos pilares do erotismo, essa transgressão do individual, do interior, do sagrado, para a volta da continuidade, do infinito, uma volta que se dá pela subjugação ao profano, como o amante sobre a mulher amada, ou vice-versa. Como o eu-lírico libertino e sádico, por exemplo, propõe à amante essa violência, essa transgressão, ao que ela permite e consente tudo (e nisso podemos imaginar mil coisas), ao fazer amor na lama, nas pedras, conforme os seguintes versos do já citado “Poema da Tara”:

“Noturna amante abandonada
Que tudo permite e consente tudo.
Seremos sádicos na lama
Chamaremos Masoch nas pedras.”

Já para Octávio Paz, partindo quase sempre da concepção do amor analisa que: “A transgressão, o castigo e a redenção são elementos constitutivos da concepção ocidental do amor.” (PAZ, pg.32). Para Paz, o amor é também uma transgressão, transgressão da tradição platônica e da tradição cristã (PAZ, 1998). Dessa forma, podemos tomar o cristianismo como ponto de partida, ao qual ele também se refere ao postular que “O erotismo pode ser religioso [...] mas o amor é humano.” (PAZ, pg.84). E logo após, o paradoxo “a sexualidade é animal; o erotismo é humano” (PAZ, pg.96), ressaltando a transgressão que sempre há no erotismo, seja religioso ou pagão, posto que é humano. Para Paz, o pecado, a expiação são aspectos basilares da moral cristã. Se

falamos em amor, sobre a ótica do cristianismo, falamos em carne e pecado. Conhecida de todos os cristãos e não-cristãos, a carne é sempre uma questão ao se falar em redenção ou culpa, expiação ou perdão do fiel. Sobre isso, Bataille coloca que:

“A carne é em nós esse excesso que se opõe à lei da decência. A carne é o inimigo que nasce dos que são possuídos pelo interdito cristão. Mas se, como eu creio, existe um interdito vago e global que se opõe à liberdade sexual sob formas dependentes dos tempos e lugares, a carne é a expressão de uma volta dessa liberdade ameaçadora.” (BATAILLE, 1998, pg.61)

Inimiga declarada dos cristãos, a carne é a expressão dessa liberdade ameaçadora de quem não é possuído pelos interditos cristãos, ou seja, os libertinos. Contra esse interdito vago, mas global, a carne é a expressão e meio mais óbvio da libertinagem, da orgia, onde as delícias da carne vão totalmente contra a pia e pudenda resignação cristã. A orgia e a religião, o profano e o sagrado, por assim dizer, possuem uma relação dialética ainda que o trabalho e o interdito da morte, tenham determinado a oposição e a divisão desses dois mundos.

A orgia não se orienta em direção à religião sacra, pomposa, magnificente. Não se direciona as catedrais limpas, com pontuais cânticos, teologias, expiações, ladainhas e louvores monótonos numa capela muito bem ornada, todos direcionados a uma figura religiosa paterna. Muito pelo contrário, a orgia tira da violência fundamental (o assassinato, a morte, o delírio, a tensão, a profanação, o sexo) algo de majestoso e totalmente conciliável com a ordem profana: sua eficácia se mostra no lado maligno que reclama para o seu louvor fervoroso, o delírio, a loucura, a vertigem e a perda de consciência. Por fim, Bataille (1998) coloca ainda que a orgia engaja a totalidade do ser num deslizar cego para a perda, para o descontrole, que por sua vez, é também um momento decisivo da religiosidade.

Os homens arcaicos, mesmo que vivessem perto dos animais e tirando praticamente do mesmo meio que eles o seu sustento, nem por isso seu pudor era menor que o nosso. Porém não havia uma repressão do pudor. Eles assumiam um pudor formalista, que não entrou em automatismo inconsciente, nem por isso sendo menos forte, por ter sido sempre mantido por uma certa angústia. Por isso a orgia não pode ser vista como uma atividade de relaxamento, e sim delírio, intensidade, convulsão, e ao mesmo tempo de fervor religioso. No mundo avesso da festa e da verdade, a orgia é o momento em que a verdade revela sua força subversiva. E essa violência bacante,

embriagada, desnuda, é a medida do erotismo nascente, cujo campo original é a religião (1998, pg.77)

Sobre a orgia e o cristianismo, Bataille pontua:

Porém, a verdade da orgia chegou-nos através do mundo cristão, onde os valores foram uma vez mais invertidos. Foi dos interditos que nasceu o sentimento de transgressão da religiosidade primitiva. Em sua essência, a religiosidade cristã opôs-se ao espírito de transgressão. A tendência a partir da qual um desenvolvimento religioso foi possível nos limites do cristianismo está ligada a essa oposição relativa. (BATAILLE, 1998, pg.77)

Nessa oposição, o cristianismo não seria religioso se ignorasse a origem do movimento de transgressão. O espírito religioso do cristianismo reteve somente o essencial, percebendo-o no início da continuidade, esse sentimento de integração com o todo no momento em que se gera um novo ser. E essa continuidade é experiência do sagrado. A passagem da morte de dois seres para a formação de um novo ser, a passagem da morte para a vida. Essa essência geradora da continuidade é por sua vez, o divino, o sagrado. A solução cristã deu tanta atenção à continuidade que esqueceu das vias que a ela conduziam. A nostalgia (ou desejo) que abriu essas vias perdeu-se na piedade em que o cristianismo se comprazia. Como se o cristianismo esquecesse ou ignorasse os vários meios que levam ao sagrado.

Em seu duplo movimento — um amor que não contava mais com nada, a continuidade buscada em Deus e o amoldamento do mundo descontínuo que tinha sua base no mundo sagrado, da continuidade —, o cristianismo queria superar uma violência ritual dos delírios com o amor desvairado incalculável do fiel. Mas a orgia é superada pelo infinito amor à Deus. Os homens gerados desse amor, que a continuidade divina transfigurava, eram criados pelo amor de uns aos outros. O cristianismo sempre quis reduzir a descontinuidade egoísta ao reino da continuidade inflamado pelo amor. É essa sua forma de desviar a transgressão, de superar a violência a transformando em seu contrário. (1998, pg.78). Mais ou menos aqui começam os paradoxos entre profano e sagrado no erotismo.

Confiar tudo à continuidade teve vários efeitos e paradoxos, uma vez que ela é nociva, por ter sua base na superação dos limites. Ou seja, pôr tudo única e exclusivamente na conta da transgressão e da vida, teve seus efeitos. Como a criação do deus cristão perfeito a partir de um sentimento nocivo, que o afasta do fiel. E o sentimento nocivo nesse deus é a continuidade. Pois a profanação, sendo contato com o

impuro, com o pecado, é profanar a partir do sagrado, que é um lugar de interdito. Mas este sagrado era o profano e diabólico ao mesmo tempo, para a Igreja. Havia um ponto em que o profano rejeitado e o profano admitido se misturavam, no qual era indistinguível saber o que era profanação ou pecado. Paradoxo que se revela também quando o cristianismo quer subverter o mundo descontínuo em mundo contínuo, pois organizar é desordem, é transgressão. E o mundo, o trabalho, os instrumentos e quem os fabrica são descontínuos. Ou seja, o indivíduo tem consciência da inanidade da vida, consciência essa que se aprofunda nos objetos que cria. Logo, a sociedade fundada no trabalho é descontínua, pois tem a consciência de que vai morrer. É aí onde o cristianismo quer causar a desordem organizada de sua transgressão. Ciente da futilidade, da precariedade do ser descontínuo, que o desastre da morte revela, o espírito humano reage de duas formas que se unem justamente no cristianismo: numa, deseja se reencontrar com essa descontinuidade, para sentir que ela é a essência do ser; noutro, quer escapar dela, numa imortalidade de seres descontínuos, que a morte não atinge. Uma espécie de prolongação da eternidade do reino dos céus na descontinuidade, a eternidade que é um sentimento de continuidade. Mas reconhecendo que confiou tudo num primeiro momento à continuidade, o cristianismo num segundo movimento teve o poder de retomar o que tinha dado em sua bondade. Ao colocar o sentimento de continuidade no descontínuo, o cristianismo reduziu o sagrado, o divino, à um deus criador que é descontínuo e fez do além do mundo real o prolongamento das almas descontínuas, céu e inferno cheio de condenados, de Deus, de anjos e eleitos condenados a eterna descontinuidade, ainda que sejam diferentes entre si, todos fragmentos imperecíveis, desligados da totalidade do ser a que é preciso restitui-los (1998, pg.76).

Os criadores de acaso e o deus criador negavam sua solidão ou a afirmando no amor recíproco de deus e de seus eleitos ou a afirmavam no ódio aos danados. Mas o amor reservava mesmo era o isolamento, a solidão. O que se perdia nessa totalidade fragmentada era o caminho que a transgressão havia traçado, que leva do isolamento à fusão, do descontínuo ao contínuo, a via de violência já traçada; esse acordo, essa conciliação no amor e na submissão substituíam o momento de separação, de queda. Mesmo enquanto durasse a lembrança da primeira crueldade (1998, pg.77). Acontecida essa evolução cristã do sacrifício, o cristianismo introduz mudanças na esfera do sagrado; em seus acólitos, na ideia de profanação, diabólico e em delimitar seus limites próprios.

O fiel e a sua vontade não são mais as responsáveis pelo sacrifício da cruz, a não ser na medida de suas faltas. Isso por si só quebra a unidade da esfera sagrada. No início pagão da religião, a transgressão fundava o sagrado, onde o puro e o impuro eram sagrados da mesma forma. Mas o cristianismo rejeitou a culpabilidade, a impureza, o que fechou a porta para o sagrado, já que a violação do interdito só se dá acesso ao sagrado.

O sagrado puro, farto, pomposo dominou desde a antiguidade pagã, ou seja, desde as primeiras manifestações religiosas da humanidade. Ou seja, nesse sagrado puro, nesse paganismo que foi o começo da religião, tudo era a um só e mesmo tempo sagrado e profano. Mesmo que fosse o começo uma superação, um movimento em direção aos interditos, o sagrado nefasto era a sua base. Mesmo não podendo negá-los para sempre, o cristianismo delimitou a área do seu sagrado colocando fora dela o impuro, o pecado, o diabo a culpa, a impureza. O sagrado impuro então foi relegado ao mundo profano. Assim, o cristianismo apagou qualquer rastro de pecado, de transgressão em sua mitologia. A transgressão passou a ser o fundamento da queda da sua divindade. O diabo (anjo insubmisso, transgressor e revoltoso) era expulso do mundo divino, tornara-se profano, mas ainda conservava algo de sagrado, de onde havia saído. Os cultos a ele eram suprimidos. Todos que queriam tirar dele o poder e o sentimento do sagrado iam para a fogueira. Restando somente a irrisão criminosa da profanação, na mesma medida em que parece sagrado (1998, pg.79).

O princípio da profanação é o uso profano do sagrado. Uma mácula vinha de um contato impuro. No cristianismo, é a existência em si mesma do mundo impuro. A oposição entre os dois mundos foi posta em segundo plano. O mal do mundo profano juntou-se ao diabólico do sagrado e a parte divina uniu-se ao bem, à luz da santidade. Palavra antes designava o sagrado e agora define apenas o bem e Deus.

A profanação retomou o sentido de infelicidade que tinha no paganismo, onde só a transgressão abria a porta para o sagrado. No cristianismo não foi nem a transgressão inicial, nem a profanação antiga. A profanação cristã paradoxalmente atingia o sagrado essencial, interdito. E ele era para a igreja o profano e o diabólico. Seus limites separavam o que ela considerava sagrado do profano. o erótico, o impuro ou o diabólico não eram separados da mesma maneira do mundo profano. Faltou um limite fácil, um caráter formal para sua apreensão. Um limite tênue, nebuloso se formou. Expulso do formalismo sagrado, o impuro estava condenado a se tornar profano. Entretanto, a afinidade *profunda* da santidade e da transgressão não deixou de ser

sentida. Aos olhos dos crentes, o libertino está mais próximo dos santos que o homem sem desejo, segundo afirma Bataille (1998).

Entremeado por um tempo entre o profano e o sagrado, o erotismo caiu no domínio profano ao mesmo tempo em que foi condenado. Antes disso, sua violência era capaz de criar angústia e até nojo, mas não assimilação ao Mal ou violação das regras racionais de bem-estar das pessoas. Regras que o interdito sanciona e são diferentes da do seu movimento cego conforme varia em função de uma utilidade pensada. A conservação da família, a degradação das mulheres de vida livre, expulsa da vida familiar, acrescentou-se as exigências de conservação da espécie, trazendo a coerência e a justificativa final ao cristianismo, ao seu todo, e o desaparecimento do caráter sagrado e original do erotismo.

“O sagrado e o profano pareceram diferentes do sentimento que a memória havia conservado da natureza. Mesmo num formalismo antiquado, o sentimento do sagrado não se atenua, e isso é perfeito para a igreja que exigia isso em sua religiosidade invertida. Um diabo mal definido, o sagrado negro, mal definido e excluído, perde a importância que tinha. Tanto que Bataille arrisca dizer que não temos mais medo do diabo. Mesmo o lado do profano do bem sendo admitido no cristianismo, o mesmo não aconteceu com o lado mal do sagrado” (BATAILLE, 1998, pg.80).

Um lado do profano associou-se ao hemisfério puro, um outro ao hemisfério impuro do sagrado. O mal que há no mundo profano encontrou a parte diabólica do sagrado, e o bem encontrou a parte divina. O bem, qualquer que fosse o sentido de obra prática, captou a luz da santidade, atesta Bataille (1998).

Contudo, sem atitudes de ciência, de formalismo, Bataille (1998) busca a visão do sagrado a partir do sagrado. A harmonia do sagrado e do bem, da direita e da esquerda, do puro e do sagrado, do profano, o impuro e o profano, segundo Robert Hertz. Apesar da magia de reconhecer a complexidade do domínio religioso, só depois se reconheceu a ambiguidade do sagrado.

Ainda no domínio da transgressão, Bataille cita os sabás, fazendo um contraponto aos tempos da inquisição e seus julgamentos implacáveis. Relata que orgia, o sentido sagrado do erotismo, foi vista com oposição pela igreja mais por seu caráter profano do Mal, o sexo fora do casamento, do que por qualquer outra coisa. Era preciso que o sentimento de transgressão do interdito desaparecesse.

E apesar de não conhecemos quase nada das festas da idade média ou do início dos tempos modernos devido a forma e força com que foram reprimidas, o que podemos

supor é que a vigilância cristã fez de tudo para que as festas pagãs não sobrevivessem. Segundo Bataille:

Os sabás, consagrados na solidão da noite ao culto clandestino desse deus que era o *avesso* de Deus, não puderam senão aprofundar os traços de um rito que partia do movimento de subversão da festa. [...]. Mas os mestres do sabá podem tanto ter imaginado essas práticas quanto os juízes tê-las sugerido. [...] O nome *missa negra*, que aparece pelo fim da Idade Média, pôde responder de forma geral ao movimento da festa infernal. A missa negra a que Huysmans assistiu, por ele descrita em *Là-Bas*, é de uma certa autenticidade. (BATAILLE, 1998, pg.82)

Ainda que em muito se duvide da existência dos sabás, bem como dos vodus, os sabás, imaginários ou não, descrevem o desencadeamento de paixões que o cristianismo implicava e continha, no geral, definem a situação cristã. (1998, pg.82)

À transgressão opunha-se o interdito, mas sua suspensão permanecia possível, desde que se observassem os limites. O interdito, no mundo cristão, foi absoluto. A transgressão teria revelado o que o cristianismo encobriu: que o sagrado e o interdito se misturavam, que o acesso ao sagrado se faz através da violência de uma infração. O acesso ao sagrado é o mal; e ao mesmo tempo o Mal é profano. O fato de estar livre no mal, de estar livremente no mal, é condenação e também recompensa do culpado. O gozo excessivo do licencioso corresponde ao horror do fiel. A volúpia penetrou no Mal. Sendo, em essência, transgressão, superação do horror e quanto maior o horror, maior a alegria. Sempre se trata de chegar ao oposto do interdito. Conforme Bataille (1998), rejeitada a suspensão do ritual, a liberdade profana ganha a liberdade de profanar. Transgressão organizada e limitada, carregando essa abertura ao impossível, sem limite, entre a riqueza do ilimitado e sua miséria: o rápido esgotamento e a morte que viria depois.

Sobre o papel da volúpia no erotismo, Bataille lembra de Baudelaire e sua opinião sobre o assunto em si: “a volúpia única e suprema do amor está na certeza de se fazer o mal.” Lembrando que o prazer se liga a transgressão. Mas o Mal não é transgressão, é transgressão condenada. É o pecado. Assim, como o simples interdito criou, na violência organizada das transgressões, o erotismo original por meio de um interdito da transgressão organizada, o cristianismo, por seu lado, aprofundou os graus da desordem sensual. A Igreja, de início, havia negado o caráter sagrado da atividade erótica visada na transgressão. Em contrapartida, os “espíritos livres” negaram o que a Igreja geralmente considerava divino. Em sua negação, a Igreja, com o tempo, perdeu

em parte o poder religioso de evocar uma presença sagrada: ela o perdeu sobretudo na medida em que o diabo ou o impuro deixou de ordenar uma desordem fundamental. Ao mesmo tempo, os espíritos livres deixaram de crer no Mal. Desse modo, o erotismo não sendo mais um pecado, desaparece. E num mundo inteiramente profano, sem erotismo, só resta a mecânica animal. Sem dúvida, a lembrança de um pecado poderia ser conservada e se ligaria a consciência de um logro. Dessa forma, Bataille atesta que seria a volta de um erotismo negro, algo como um erotismo dos corações, só que mais forte. Sobre isso, ele explica que:

O que eu posso dizer é que o erotismo negro se resolve na consciência de um casal apaixonado. Nessa consciência aparece, sob uma forma crepuscular, o que significa o erotismo negro. A possibilidade de pecado surge para logo esquivar-se. Ela é fugidia e no entanto existe. A lembrança do pecado não é mais o afrodisíaco que era o pecado, mas no pecado tudo desaparece ao final: um sentimento de catástrofe, ou de desilusão, acompanha o gozo. (BATAILLE, 1998, pg.84)

Dessa forma, o erotismo depende totalmente da possibilidade de transgressão, do pecado, para atuar tanto no sagrado, quanto no profano, tanto na continuidade, quanto na descontinuidade.

5 O EROTISMO SAGRADO E PROFANO NA POESIA DE ALBERTO CARVALHO

Neste derradeiro capítulo, analisaremos alguns poemas de Alberto Carvalho, cotejando sua poesia com as noções de erotismo, sagrado e profano, postuladas por Octávio Paz e Georges Bataille em suas respectivas obras já citadas. Foram analisados dois livros do autor: “Em Busca do Verso” (1959) e “Leonardo, Bernini e outros poemas” (1999). Nos respectivos livros foram encontrados 10 poemas de cunho erótico (em anexo ao final do trabalho). Eles é que serão o objeto de análise dessa relação entre o sagrado e o profano nos poemas do escritor itabaianense.

Nos primeiros livros de Alberto, publicados em sua juventude — Quase 30 poemas, de 1958 e “Em busca do verso”, de 1959 — figura uma poesia romântica, humorística, politizada, noturna, sobretudo erótica e com pontas de surrealismo e filosofia. Em “Busca do Verso”, o autor anuncia na introdução/explicação uma “procura que só dá frutos na procura”, e inicia o livro com o “Poema da Busca”, relatando essa

busca onde “rubro, escarlate sexo intocado/ o cimo é verso nunca realizado/planalto que não cabe ninguém.”. Nestes livros ainda não figuram o barroco como ficam explícitos nas suas obras de uma fase mais madura, publicadas quarenta anos depois, *Vão Livro* (1996) e *Leonardo, Bernini e Outros Poemas* (1999). Nelas, a curva, o barroco e o erotismo, são temas muito presentes, sempre com as costumeiras pontas de surrealismo, humor e política também características de toda a sua extensa poética.

O barroco, inclusive, permeia boa parte das imagens e metáforas de Alberto Carvalho, como mostram suas referências e o título de um de seus livros, *Leonardo, Bernini e outros poemas* (1999), sendo impossível partir para uma análise do erotismo em sua obra sem enxergar através das lentes barrocas que permeiam sua criação poética. Movimento literário que se desenvolve a partir do século XVII e surge primeiramente na Espanha e logo após em Portugal, englobando em seguida vários movimentos da Europa renascentista, a sua definição é de um contorno flutuante e fica complexa conforme o situamos com o Maneirismo, tendência vizinha a ele da qual incorporou vários. Apesar disso, o Barroco delinea-se como um movimento anti-clássico. Ou seja, mergulha suas raízes na cultura renascentista, pois os padrões medievais não haviam ainda desaparecido de todo ao longo do século XVI: dessa forma mesclada e geralmente marginal que se mesclam com as novas ondas culturais que surgiam, sua origem dá ao Renascimento um aspecto duplo. A grosso modo, a estética barroca visava unificar a dualidade renascentista, formada pela coexistência de valores medievais, católicos e pagãos, trazidas pelo Renascimento e sua restauração do espírito clássico. Sobre suas características difusas, Massaud Moisés aponta precisamente em seu *Dicionário de Termos Literários* (2004):

[...] A essa dicotomia de base correspondem as características formais do Barroco: o jogo do claro-escuro, da luz e da sombra, assimetria, o contraste, abundância de pormenores, o retorcido da sintaxe, as inversões desconcertantes e cerebrinas, o rebuscamento das metáforas, a euforia dos sentidos, em jatos sinestésicos sucessivos, a recusa do vocabulário “fácil” popular, o aristocratismo, o amaneiramento. E também [...] a obscuridade, a sensualismo (especialmente o visual) a tensão entre fé e razão, misticismo e erotismo, entre o apolíneo e dionisíaco, entre a aventura e a ordem, entre a miséria da carne e a transcendência do espírito, entre a racionalidade e a fantasia, etc. [...] estética das oscilações, dos conflitos, dos paradoxos, dos contrastes, das antinomias que forcejam por unificar-se, o Barroco implica uma cosmovisão e uma teoria de conhecimento. (MOISÉS, 2004, pg. 53)

E boa parte disso figura ao longo da poesia de Alberto: relações entre claro e escuro, a manhã com a amada ou na praia, a noite com a amada; lições de anatomia sobre gozo e referências mundanas e católicas/cristãs, como prostitutas e santas; o dionisíaco e o apolíneo, que inclusive resumem muito bem não só a sua faceta barroca e oscilante, como sua faceta orgíaca, delirante, profanadora, conforme estes versos de “Confissões sem drogas” do livro “Textamento”, de 1981:

“Sofro de ânsias de festins romanos
mosaicadas na vontade de ser puro”

Assim, considerado isso, para iniciarmos uma análise do erotismo em Alberto Carvalho, é interessante começar pela sequência dos poemas Praiana I, II e III, do livro Em Busca do Verso, de 1959, que vem antes de “Campo de Nudismo”, poema à moda de Jean Cocteau também analisado aqui. No contexto do livro, a sequência praiana surge após uma série de poemas que tem como espaço a cidade e suas ruas, lugares e situações, sugerindo talvez, em meio à busca do verso, uma ida à praia.

Nos versos de “Praiana”, o eu-lírico relata um certo medo em relação ao amor, “Fugirei, sempre, do amor nas praias.”; à passagem do tempo “Tenho medo que o meu e o corpo da amada/Não deixem marcas nas areias” e à morte “Que nosso sangue fique verde, como o mar”. Em Bataille (1998), isso se configura como medo de um retorno ao que se era, um medo da descontinuidade. É a batalha da recusa versus o movimento cego da vida. É o não amar na praia por medo do mar levar tudo, o mar e seu movimento vertiginoso, forte, profundo, misterioso, que levaria além dos corpos dele e da amada, o amor em si. É o medo da morte, da violenta forma da descontinuidade. Sobre essa recusa, Bataille afirma:

A atitude angustiada que fundou os interditos opunha a recusa — o recuo — dos primeiros homens ao movimento cego da vida. Os primeiros homens, a consciência despertada pelo trabalho, sentiram-se pouco à vontade diante de um movimento vertiginoso: a renovação constante, exigência de morte constante. Vista em seu conjunto, a vida é o imenso movimento composto pela reprodução e pela morte, o eterno movimento de gerar e de destruir o que gera. Os primeiros homens não compreenderam isto muito bem. Eles opuseram à morte e à vertigem da reprodução a recusa dos interditos. (BATAILLE, pg.57, 1998)

Esse recuo diante do movimento vertiginoso da vida (ou do mar?), é o interdito do qual Bataille trata. Sendo que o erotismo é justamente o contrário, é mácula, é transgressão (1998, pg.95). Logo, esse medo diante do mar, do amor nas praias, do arrastar dos corpos para o fundo do mar (medo da morte) são os interditos por si só agindo no eu-lírico, interditos que designam a coisa sagrada (1998, pg.45). Segundo Bataille (1998, pg. 143) “Não haveria erotismo se não houvesse em contrapartida o respeito aos valores interditos. [...] O respeito não é, sem dúvida, senão o desvio da violência.” Ao contrário do momento de excitação, onde o medo da morte e da dor não existem, pois conforme Bataille “Os momentos de pletora em que os animais estão dominados pelo desejo sexual são momentos de crise de seu isolamento. Nesses momentos o medo da morte e da dor é ultrapassado (1998, pg.65)” essa recusa pode ser vista como uma atitude de temor e preservação da vida. Dessa forma, o eu-lírico age de forma que respeita o sagrado, e também o interdito, sem transgredi-lo em momento algum.

Já em “Praiana II”, o eu-lírico sai dessa atitude de temor e preservação da vida e parte para uma apreciação do corpo, da seminudez dos corpos na praia, num epigrama bastante erótico e burlesco: “Ah! A praia não tinha dunas/ Mas duas apareceram/Quando deitaste de bunda p`ro céu.”

Encerrando a sequência de “Praianas”, em “Praianas III”, sempre numa relação forte com a praia, o eu-lírico retrata um dia típico de domingo na praia, segue exaltando o corpo, a nudez, os “amores pigmaliônicos”, por meio de versos como: “Domingo calipígio” indicando o tamanho das bundas das mulheres circundantes na praia, cobertas pelo “sol que veste as mulheres/ que insistem em tirar a roupa” e “praia que mostra a escultores/ formas nunca imaginadas”, numa mostra clara do erotismo dos corpos, de Bataille, porém aqui ainda não mostra seu algo de pesado, de sinistro que o autor propõe, pelo fato que o eu-lírico não trata da nudez completa, e sim de uma semi-nudez, podendo ser tratado como uma preparação para esse movimento. Ademais, no verso “praia dos amores pigmaliônicos” referencia o mito de Pigmalião contado por Ovídio em sua obra *Metamorfoses*, onde o escultor se apaixona pela estátua que ele próprio esculpiu quando tentava representar a mulher ideal, estátua que ganhou vida num pedido do escultor para os deuses na festa da deusa Vênus em Chipre, ao que ela atendeu e “como presságio favorável, a chama se acendeu três vezes e uma língua de fogo correu pelo ar.” (Ovídio, 1983, pg.183), realizando o seu pedido, conforme constatou ao chegar em casa e beijar a estátua, agora, sua amada em carne e osso. Tal referência, o desejo pela amada, de

encontrar seu corpo, do desejo que ele seja de carne e osso, vai totalmente de encontro ao erotismo dos corações, que age a partir do erotismo dos corpos, num desejo tão intenso de continuidade que chega a ser violento, como supõe Bataille:

O erotismo dos corações é mais livre. Ele se separa, na aparência, da materialidade do erotismo dos corpos, mas dele procede, não passando, com frequência, de um seu aspecto estabilizado pela afeição recíproca dos amantes. [...] Em sua origem, a paixão dos amantes prolonga no campo da simpatia moral a fusão dos corpos entre si. Ela a prolonga ou lhe serve de introdução. Mas, para aquele que a sente, a paixão pode ter um sentido mais violento que o desejo dos corpos. (1998, pg.15)

E o eu-lírico, voyeur por excelência conforme a sequência de poemas mostra, apontando para o mar: “E o mar, sempre a limpar/Verdevagando, os que vem ao mar” referindo ao mar e seu poder de purificar, agora vem com uma referência contrária ao medo da morte explícito no *Praiana I*.

Sobre essa relação entre morte e prazer, Paz (1994) atenta para o fato desses dois elementos sempre andarem juntos: a morte é inseparável do prazer, Tântatos não se separa de Eros. A sexualidade é a resposta à morte onde as células se unem para formar outra e se reproduzirem, mas, desviado da reprodução, o erotismo cria um domínio isolado regido por um duplo, o prazer que ao mesmo tempo é morte. Essa tensão entre prazer e morte permeia todos os poemas eróticos de Alberto.

Já no poema seguinte, “Campo de Nudismo”, Alberto desnuda a página ao fazer um poema sem nenhuma palavra, brinca com semas e significados de nudismo ao apresentar uma página vazia de palavras, em branco, explodindo os significados que vão desde a página inteiramente nua diante da leitora(or) até as pessoas que podemos imaginar nuas nesse campo de nudismo que é a própria página no final das contas, deixando tudo por conta da nossa imaginação. Como poema-intermezzo, que traduzido livremente do italiano significa “interlúdio”, é como se Alberto saísse das cenas da cidade e realizando esse interlúdio, partisse para a praia, se analisarmos a ordem dos poemas no livro, visto que após esse poema entram os poemas *praianos I, II E III*. Sobre os ares de poesia concreta no que diz respeito ao uso não convencional dos espaços em branco, do branco da página, Décio Pignatari e os irmãos Augusto e Haroldo de Campos na obra *Teoria da Poesia Concreta (Textos críticos e Manifestos)* apontam: “A poesia concreta substitui o verso, como base formal do poema, pelo espaço. De que espaço se trata? [...] O espaço a que nos referimos é o espaço de organização do poema. O campo

gráfico, aquilo que Mallarmé chamava de “branco” da página.” (De Campos, Pignatari e De Campos, 1975, pg.100). Assim, Alberto dá ao poema o aspecto nu, tirando as palavras e deixando o significado totalmente sob responsabilidade do leitor. Sobre essa concretude, agora no campo do erótico, da nudez, Bataille afirma:

“Toda a concretização erótica tem por princípio uma destruição da estrutura do ser fechado que é, no estado normal, um parceiro do jogo. A ação decisiva é o desnudamento. A nudez se opõe ao estado fechado, isto é, ao estado de existência descontínua. É um estado de comunicação que revela a busca de uma continuidade possível do ser para além do voltar-se sobre si mesmo. Os corpos se abrem para a continuidade através desses canais secretos que nos dão o sentimento da obscenidade. A obscenidade significa a desordem que perturba um estado dos corpos que estão conformes à posse de si, à posse da individualidade durável e afirmada. (BATAILLE, 1998, pg.14)

A página nua no poema de Alberto, é um ato de nudez, é transgressão pura.

Já em Poema da Tara, um dos poemas mais alucinados, violentos e românticos de “Em Busca do Verso” drogas, sangue, sadismo e sadomasoquismo se misturam em imagens marítimas-praianas e cheias de ternura, revelando um amor tarado e num misto de profanação e amor segundo o eu-lírico possuído, tarado pela pessoa amada, que alude a um amor feito sobre as pedras nos versos “Seremos sádicos na lama/Chamaremos Masoch nas pedras” amor que é selvagem tal qual o amor de Severin e Vanda, no romance “A Vênus das Peles” de Sacher-Masoch, romancista austríaco citado no poema, assim como Sade, outro autor referenciado no poema, intelectual libertino do séc. XVIII que teve seu nome ligado aos atos violentos do sexo que descreveu em muitos de seus romances. Além de referências ao sadismo e masoquismo, traz também referências à sangue e autópsia “Num beijo sangraremos/ e nossos sangues, tipo A/ tentativa de autópsia”; a drogas ilícitas em “E cheios de maconha/amaremos muito mais”; à amante abandonada que possivelmente pegará em outro dia (Prostitutas? Visto que não era casado na época? Difícil saber, então fica no ar.) “E se te pegar em um outro dia/ Farei(não!) não direi/ Leiam as manchetes dos jornais “noturna amante abandonada/que tudo permite e consente tudo”. Esses últimos versos trazem uma mórbida curiosidade, pois: Que tipo de notícia poderíamos ler na manchete de um jornal sobre dois amantes que foram se pegar numa praia, cais ou ponte? Uma notícia feliz? Um notícia escabrosa, macabra? Fica a cargo da nossa imaginação. Tendo como somente imaginar, e devido ao teor violento desse desejo destilado durante todo o poema, é bem possível imaginar o que o dominador e transgressor eu-lírico desejava fazer com a amante que “tudo consente e permite tudo”: ultrapassar limites. E ultrapassar limites é o papel da transgressão, é o erotismo em ação. Sobre os obstáculos

e a transgressão, Octávio Paz é pontual ao afirmar que “O obstáculo e a transgressão estão intimamente associados a outro elemento também duplo: o domínio e a submissão” (PAZ, 1994, pg.113).

Já para Bataille, nos limites do erotismo e sua configuração no profano ou sagrado, as coisas se dão de forma que:

Existe sempre um limite a que o ser se adapta. Ele identifica esse limite ao que ele é. O horror toma conta de seu pensamento se esse limite pode deixar de existir. Mas nós nos enganamos levando a sério o limite e o acordo que o ser lhe dá. O limite não é dado senão para ser excedido. O medo (o horror) não indica a decisão verdadeira. Ele incita, ao contrário, num contragolpe, a ultrapassar os limites. Se experimentamos esse medo, nós o sabemos, é para responder à vontade inscrita em nós para exceder os limites. Queremos excedê-los e o horror sentido significa o excesso a que devemos chegar, a que, se não fosse o horror prévio, não poderíamos ter chegado. (BATAILLE, 1998, pg.95)

É sobretudo esse horror que Alberto sugere quando chegamos ao fim do seu poema. O que seria noticiado nos jornais após eles já terem se permitido tudo, terem feito amor nas pedras, na lama, terem sangrado, usado drogas, em suma, após terem excedido e ultrapassado tantos limites? Dentre tantas as coisas que podemos imaginar, decerto fica esse medo suspenso, essa atmosfera de horror quanto ao final desses dois amantes no poema. Mais uma vez, Eros e Tânatos unidos em sua poesia.

Ademais, essa presença da violência e principalmente do vocábulo “violência” e seus derivados, nos versos de “Manhã de uma noite de amor”: “A aurora entrava pela janela/violentando a noite não dormida./símbolo do cansaço do meu e do teu amor/” e de “Resposta”: Com dois beijos meus/violentando sua geometria” é um indício importante de como o erotismo se apresenta nesses poemas de Alberto. Uma vez que a violência é essencial para o erotismo, seja em seu caráter de transgressão ou de busca. Segundo Bataille (1998) essencialmente, o domínio do erotismo é o domínio da violência, da violação, de forma que não há uma ação erótica que não seja violenta em nenhuma medida.

Em “Curvas Sustentadas”, poema de sua fase mais madura, Alberto traça um eu-lírico impermeado de referências barrocas para destilar seu erotismo. Lotado de referências como a Serra de Itabaiana, ponto turístico e histórico da cidade, cheio de lendas, histórias e mistérios, aqui poeticamente transformada em mulher “A corcova da serra de Itabaiana/Velha matrona de braços deitada”, “A doidivas Mae West”, cantora, comedianta, dramaturga e roteirista da década de 30, conhecida por seus textos de duplo sentido e malícia, considerada a primeira sex symbol do cinema americano e

da cultura pop, tendo sido homenageada por Frida Kahlo e até pela Coca Cola, que mudou o formato de suas garrafas em homenagem à musa, de corpo voluptuoso e posicionamento polêmico que enfrentava a sociedade americana e conservadora da época em prol de uma emancipação das mulheres; Einstein e a curvatura do Universo “O universo é curvo, cito outra vez/O Alberto, não eu, o Einstein.”; o mito de Pigmalião, o escultor que se apaixonou por sua própria escultura, imagem recorrente de seus versos “Pigmalião beijou/Sua curvilínea estátua.”; o Barroco, o Maneirismo e os grandes escultores desse estilo como Aleijadinho, Rodin, Brancusi e Gian Lorenzo Bernini “Formas generosas de Rodin/Requintadas curvas de Brancusi”, “Aguardando a reta flecha do anjo/Palpitando vida, drapejando o mármore/Ainda quente do cinzel/Do genial Bernini” e uma de suas obras mais conhecidas, o Êxtase de Santa Tereza no verso “A lânguida postura de Santa Tereza”: o eu-lírico recorre à tudo isso para exaltar a curva, ponto aspecto barroco e erótico por si só. São as curvas que “podem ‘boulerverser’”⁴/Cristãos e pagãos”.

É por unir o local (A Serra de Itabaiana), o universal (Mae West, Einstein) o pagão (Pigmalião e a estátua pela qual se apaixonou) e o sacro (Santa Teresa D’Ávila”) que “Curvas Sustentadas” é o poema em que Alberto melhor expressa sua visão barroca, lasciva, posto que vê o erótico além das curvas de Mae West, mas na estátua do mito de Pigmalião, na Serra de Itabaiana e até as curvas do Universo, as quais Alberto não deixa escapar de seu olhar erótico e poético.

Nessa espécie de elegia à curva, elemento essencial para o movimento pós-renascentista, Alberto, serve-se e usa a referência da escultura de Bernini, ele que por sua vez, para esculpir e criar sua obra, serviu-se do seguinte relato místico-erótico e arrebatador da freira carmelita sobre a visão de um anjo, contado em sua obra de 1565, o “Livro da Vida”, obra inclusive julgada pela Inquisição na época:

Quis o Senhor que eu visse aqui algumas vezes essa visão: via um anjo junto de mim do lado esquerdo em forma corporal, o que não costumo ver, a não ser por maravilha. [...] Esta visão quis o Senhor que eu visse assim: não era grande, mas pequeno, muito bonito, o rosto tão aceso que parecia dos anjos muito elevados que parecem que se abrasam inteiros. [...] Via em suas mãos um dardo de ouro grande e no final da ponta me parecia haver um pouco de fogo. Ele parecia enfiá-lo algumas vezes em meu coração e chegava às entranhas. Ao tirá-lo me parecia que as levava consigo e me deixava toda abrasada em grande amor de Deus. Era tão grande a dor que me fazia dar aqueles gemidos, e tão excessiva suavidade que pôe em mim essa enorme dor que não há como desejar que se tire nem se contenta a alma com menos do que Deus. Não

⁴ Adaptação que Alberto faz da palavra “bouleversé” verbo francês quer dizer “transtornar, causar forte comoção”.

é uma dor corporal, mas espiritual, ainda que não deixe o corpo de participar em alguma coisa e até bastante. É uma corte tão suave que se passa entre a alma e Deus que suplico eu a sua bondade que a dê a experimentar a quem pensar que eu minto. (D'Ávila, 2010, pg.154)

Alberto que, é bom frisar, era fã de Santa Teresa D'Ávila, a qual conheceu através de Bernini, também seu ídolo, e da qual admirava tanto sua vida como a escultura que o escultor italiano criou dela, conforme ele mesmo afirma num relato de umas de suas memórias em “Notas para uma auto-biografia”, de seu livro memorialístico “Dispersa Memória (2001) com apresentação de Vladimir Souza Carvalho. Alberto ainda tece um breve comentário sobre o sentimento de êxtase místico/erótico que a obra do italiano Bernini lhe suscita, mesmo mostrando sua preferência pelo relato da própria Santa Teresa da experiência, citado anteriormente: “O anjo, com o dardo está em posição de traspasar-lhe o coração (metáforas!) e ela, em visível estado de gozo, espera a estocada do *Amado, do Esposo, do Rei, da Majestade*” (CARVALHO, 2001, n.p). Tal fato confirma a aproximação entre Alberto e Bernini e suas interpretações sobre escultura da santa espanhola.

Ademais, a dúvida interpretação desse relato e da obra de Bernini dividem opiniões até hoje, sobre o misticismo/erotismo que a obra suscita em seus estudiosos e observadores. No entanto, o eu-lírico de Alberto, de certa forma, junta-se à Bernini, quando vai às raízes do sagrado e erótico ao expor seus trejeitos faciais como próprios de um orgasmo “No arquejo da epilepsia orgásmica” o que dá, e não, ao mesmo tempo, à flecha do anjo que a santa espera, uma conotação totalmente sexual e erótica, cena que finaliza com: “Santa também goza”. Com esse verso, Alberto reúne o profano e o sagrado em uma só imagem, acabando por transgredir os preceitos do cristianismo, do Deus do bem, que o limite do seu sagrado apenas na luz, onde nada é impuro, dada a formal expulsão do erotismo do campo sagrado do cristianismo, que o relega como profano conforme Bataille (1998) ao dizer que a freira goza. Como já referido em capítulos anteriores, a transgressão é ao mesmo o tempo o sagrado desde o começo da religião, aspecto que o cristianismo rejeitou em suas mudanças do sagrado, conforme atesta Bataille:

No estágio pagão da religião, a transgressão fundava o sagrado, cujos aspectos impuros não eram menos sagrados que os aspectos contrários. O conjunto da esfera sagrada se compunha do puro e do impuro. O cristianismo rejeitou a impureza. Rejeitou a culpabilidade, sem a qual o sagrado não é concebível,

posto que só a violação do interdito abre o acesso para ele. (BATAILLE, 1998, pg.79)

Entretanto, “O desconhecimento da santidade da transgressão é para o cristianismo um fundamento” (Bataille, 1998, pg.59). Por isso a transgressão no poema de Alberto. Erótica e sagrada ao mesmo tempo, visto que compõe as duas formas, os dois mundos de um jeito complementar, o mundo dos interditos e das transgressões. (1998, pg.45)

Sobre esse rejeição do cristianismo, Octávio Paz pontua:

Kostas Papaioannou explica de forma sucinta: "A concepção judeu-cristã desvalorizou a natureza e transformou-a em objeto ... Ao mesmo tempo rompeu o laço orgânico entre o homem e a Cidade (a Pó-tis). Por último, a razão moderna generalizou a cisão: depois de ter oposto o espírito à matéria, a alma ao corpo, a fé ao entendimento, a liberdade à necessidade ... a cisão terminou por englobar todas as oposições numa maior: a subjetividade absoluta e a objetividade absoluta. (PAZ, 1994, pg.127)

Alberto opõe alma e corpo, espírito e matéria, ao juntar profano e sagrado, ao unir a santa ao orgasmo, algo tão proibido para as enclausuradas em conventos e monastérios. É essa união barroca e sobretudo erotizante que vamos ver em seus poemas, um poeta que celebra, vista o corpo em “Anatomias” e esbanja a sensualidade de sua época em “Curvas Sustentadas”. Indo assim na contramão do cristianismo, mas sempre partindo dele.

Inclusive, para incrementar rapidamente essa sugestão erótica ao final do poema, os vocábulos de aspecto fálico e sugestivos de um falo no momento do sexo “cinzel ainda quente” e “reta flecha” indicam outro pormenor observado nos poemas de Alberto: a conotação sexual de objetos e frutas. Como por exemplo, o seu eu-lírico faz no poema “Banana/Maçã” ao se referir e se associar com Lineu, o naturalista “O naturalista Lineu/Mais safado do que eu”, indicando a banana como fruta fálica “Batizou/Latinamente/A banana/De “Musa Paradisiaca”/Fruta fálica” e o fato que o naturalista disse que Eva teria comido uma banana-maçã e dois polpudos jenipapos, caracterização do pênis através de frutas, numa sugestão lúdica e bem-humorada, mas claramente erótica.

Desse modo, “Curvas sustentadas” é o poema que mais carrega referências eróticas e sensuais e melhor representa ápice da síntese do erotismo de Alberto, que vai do profano ao sagrado num só e mesmo poema.

“Só se goza onde há mucosa”. Assim começa “Anatomias”, outro poema de Alberto, último poema da série que analisaremos. Em versos alusivos à vulva “os carnudos lábios/a boca sem dentes/; ao seios “mucosas disfarçadas/nos seios” usando de nomes antigos dos órgãos genitais (vaso) para dar um duplo sentido em “mucosas nos vasos/(anteriores e posteriores)”, referindo-se no primeiro verso, ao sexo da mulher e às artérias do cérebro,(devido aos métodos de tortura da Inquisição?) no segundo. Locais do corpo que inclusive aponta como “Locais dos nefandos pecados/Nos tempos da Inquisição”, em referência aos julgamentos do Tribunal do Santo Ofício, que perseguia os ditos hereges num movimento político-religioso que ficou conhecido como Santa Inquisição. Na segunda estrofe, em “Será que há mucosas/Nas plantas dos pés/Nos dedões das coças/E das cócegas? /Se existem, os torturados/Também gozavam” retoma a referência aos tempos da Inquisição de uma forma irônica, ao citar seus métodos de tortura. E também, nos últimos dois versos citados há pouco, podemos entrever a referência ao masoquismo, onde o torturado busca a prazer mediante sua submissão completa. O eu-lírico cita também o gozo como pecado à que todos já se renderam, já entrando na atmosfera da moral cristã, sejam eles padres, clérigos, sacristãos, pobres, nobres, plebeus, pagãos, cristãos e até santos e torturados, para lançar uma máxima: só se goza onde há mucosa. A referência à vulva, aos seios, ao gozo, ao masoquismo entra de acordo com o erotismo dos corpos e sua violência característica. É esse reino profano e sagrado do prazer, do gozo, que Alberto vislumbra em seu poema, alfinetando aqui e ali a moral cristã e espalhando sua verve erótica e escarnecedora.

Sobre a Inquisição e a tortura como movimento do cristianismo de renegar o erotismo que aflorava nas festas pagãs da Idade Média e o colocar no campo do profano, citando os sabás, Bataille afirma:

Mas não sabemos nada, ou quase nada, das festas noturnas da Idade Média — ou dos começos dos tempos modernos. O desconhecimento deve-se em parte à crueldade da repressão de que elas foram alvo. As confissões que os juizes arrancaram de infelizes submetidos à tortura são nossas fontes de informação. A tortura fazia as vítimas repetir em o que a imaginação dos juizes lhes inculcava. O que podemos supor é que a vigilância cristã fez tudo para que as festas pagãs não sobrevivessem, pelo menos nas regiões menos povoadas. (BATAILLE, 1998, pg.82)

Essa tentação do pecado e da corrupção era de certa forma generalizada na época, seja no carnal ou no imaginário cristão, pois conforme Octávio Paz “A Idade Média foi povoada de incubas e súcubos, demônios que, na forma de homem e mulher, deslizavam nos leitos e copulavam com os frades e as virgens, os servos e as senhoras”(PAZ, 1998, pg.61) dando mostras de o erotismo sempre permeou e rondou o ideário cristão, atormentando os seus fiéis e prosélitos.

Ainda segundo Bataille (1998), a tortura da Inquisição buscava de certa forma esconder o que a transgressão do paganismo, dos sabás, expunha: a necessidade do profano, da violência de uma infração para chegar ao sagrado. Ao ponto que o cristianismo postulava o acesso ao sagrado como sendo o Mal (onde o acesso ao mal e logo depois a culpa dando acesso ao perdão, que é sagrado), o Mal também era profano, porém um profano onde se pode estar livremente, já que seu mundo não estava nas restrições do sagrado. “O gozo excessivo do licencioso responde ao horror do fiel.” Essa libertinagem do licencioso era o horror do fiel, pois mostrava sua corrupção, sua condenação. Porém, o Mal, a corrupção e sobretudo Satã foram para o pecador, o corrupto, objetos de adoração idolatrados por ele. É o ponto em a volúpia, o prazer penetra no Mal.

É essa tentação, esse prazer profano, maldito, que o eu-lírico de Alberto traz nesse poema e ao longo de sua poesia. É essa transgressão, sempre em busca do prazer, que vai ao profano, ao escárnio, ao maldito, para chegar ao sagrado, ao além do limite. Pois “Cristão ou pagão/ Nobre, plebeu ou Irmão/Pecavam”. E o pecado no cristianismo é sempre transgressão, é o algo que não deveria ter acontecido. Mas ao contrário do paganismo, o cristão não pode usufruir desse prazer, pois deve aceitar o prazer da culpa, da bem aventurada culpa. Por exemplo, a morte de Deus na cruz onde ele mesmo é a vítima. Mesmo que o sacrifício resgate e a Igreja cante esse pecado, que é o seu princípio e seu paradoxo — a culpa feliz — o que resgata é ao mesmo tempo o que culpa. Pois no cristianismo o interdito é definitivamente confirmado e qualquer transgressão é absolutamente condenável. Entretanto, essa condenação pode ser suspensa mesmo diante do erro, da transgressão mais escabrosa que se possa imaginar. É a passagem do estado de maldito para glorificado. É o ponto onde a passagem do erotismo à santidade encontra muito do seu sentido (BATAILLE, 1998). Pois, por outro lado, o erotismo é a falta solitária, o transgressor goza a alegria da transgressão, vai ao último grau de intensidade, mas precisa suportar a mesma intensidade na solidão, onde não há quem o salve. Enquanto que, o pecador é salvo dessa solidão, mas desde que suporte o

sentimento de culpa feliz, o paradoxo da culpa bem aventurada. É a transgressão onde “Os nobres se safavam/Clérigos se penitenciavam/Os pobres nas fogueiras se abafavam.” Alberto reúne a solidão, a culpa feliz (ainda que ironicamente), cristianismo e paganismo, o gozo e o pecado, o santo e o diabólico, o corpo e o espírito, o moderno e o clássico, esculturas de Pigmalião e Bernini, Mae West e Santa Teresa, barroco e modernismo, transgressão e religião, transgredindo o que há de limites e barreiras entre a santa e a amante que permite tudo, misturando tudo em sua poesia transgressora e sensual.

6 CONCLUSÕES

Como pudemos ver ao longo desse trabalho, é de fundamental importância entender os aspectos profanos e sagrados do erotismo para melhor divisar a forma como eles agem na sociedade e por sua vez, na poesia. Vimos também que a transgressão é inseparável do erotismo. Sempre ligada aos interditos, trabalha sempre em conjunto com o erótico. E esta transgressão, é um excesso que não destrói o mundo profano de que é o complemento, uma vez que a sociedade humana é, além do mundo do trabalho, também o mundo profano e sagrado, que são formas complementares, onde o mundo profano pertence aos interditos e o mundo sagrado abre-se para transgressões limitadas (BATAILLE, 1998). E são essas as características da poesia de Alberto: erótica e transgressora. É também totalmente contrária à sociedade de sua época dado seu caráter modernista e sua verve satírica e erótica, indo em contraste com uma Sergipe conservadora, militarizada e reacionária, ainda em que pese a grande participação das classes trabalhadoras politicamente por meio dos sindicatos e organizações sindicalistas. Uma Sergipe ainda em início de modernização e de expansão econômica, política e democrática, onde as novidades culturais, educacionais ainda estavam restritas à uma minoria economicamente favorecida, que foi a situação de Alberto e o cenário do início em que sua poesia estava inserida, o que por sua vez contrasta com a fase final de sua poesia que encontra uma Sergipe já mais consolidada em todos esses fatores já citados, com uma capital reconhecida nacionalmente portando mais de meio milhão de habitantes.

Vimos também, através dos estudos de Georges Bataille e Octávio Paz, o caráter duplo do erotismo, suas facetas profana e sagrada, como elas atuam nos limites tênues do erótico, e como isso se dá, sempre de forma violenta, ao ir do sagrado cristão ao

profano libertino, de forma transgressora nos eu-líricos presentes nos poemas referidos e analisados do escritor itabaianense Alberto Carvalho. Erótica e sensual, a sua obra assume, de certa forma, um enfrentamento, uma profanação poética, uma transgressão ao espírito da época, dado o conservadorismo e o catolicismo imperante nos idos da segunda metade do séc. XX em Sergipe. A poesia, conforme inicia Octávio Paz em “O arco e a lira”, que é “pura e impura, sagrada e maldita, popular e minoritária, nua e vestida” (PAZ, 1982, pg.15). E sua poesia de caráter dúbio, com referências sacras e decadentes ao mesmo tempo, é um atestado desse erotismo profano e violento que jorra para desaguar em sua poesia, que é erótica, safada, voyeurista, masoquista, sádica e irônica, e ainda assim, sagrada.

Dessa forma, o presente estudo é importante para uma outra compreensão em torno da obra de Alberto e para a literatura sergipana como um todo, tanto por aumentar um pouco mais sua já extensa bagagem de estudos críticos sobre seus respectivos autores(as) locais, como por ser um estudo inédito sobre as obras de Alberto Carvalho (creio que o primeiro, salvo engano), tendo em vista a falta de artigos, monografias que contemplem e analisem a obra do escritor itabaianense. Jogando luz sobre sua obra e a forma que ela se impõe em um de seus muitos aspectos, através do erotismo e seus caminhos bifurcados, esta monografia mostrou também como o erotismo presente na obra de Alberto Carvalho distorce a pureza sacrossanta da Sergipe de sua época, profanando e erotizando todas as referências que desaguvam em sua criação poética, revelando essa face erótica presente desde sempre em sua escrita, que é modernista por excelência. Por fim, chama também a atenção para a importância da pesquisa e necessidade de análise de obras literárias de autores sergipanos(as) nunca antes analisadas e que, por falta de interesse ou puro desconhecimento mesmo, muitas vezes passam em branco, sem ter o devido reconhecimento, análise e divulgação nos meios acadêmicos e populares, contribuindo infelizmente para a falta de referências literárias e críticas contrerrâneas e o desconhecimento por parte tanto dos próprios estudantes e pesquisadores, como da população em relação à literatura sergipana e seus autores e obras, de forma que essas pesquisas e análises aumentem ainda mais o interesse e o conhecimento de tantas outras obras literárias nativas, que tanto tem a nos dizer, mostrar e fazer conhecer mais sobre nós e sobre o lugar em que vivemos.

7 REFERÊNCIAS

- BATAILLE, Georges; **O erotismo**. 1ª ed. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- CARVALHO, Alberto. **Dispersa Memória**. (memória, poesias, crônicas, ensaios). 1º ed. Aracaju: Edições ACÊ, 2001.
- CARVALHO SOUZA, Vladimir (Org). **Alberto Carvalho - Toda Poesia**. 1ª ed. Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura, 2005.
- CINEMATOGRAFICAS, Memórias. **Mae West, um furacão ousado demais**. Disponível em: <<https://www.memoriascinematograficas.com.br/2018/07/mae-west-um-furacao-ousado-demais.html>> Acesso em 22 de abril de 2022
- D'ÁVILA, Santa Teresa. **Livro da Vida**: Tradução e notas de Marcelo Musa Cavallari; Prefácio de Frei Betto; Introdução de E. Cohen. 1.ed. Penguin Classics Companhia das Letras, São Paulo, 2010.
- DE CAMPOS, Augusto; PIGNATARI, Décio; DE CAMPOS, Haroldo. **Teoria da Poesia Concreta**: Textos críticos e manifestos (1950-1960). 1º ed. São Paulo, Duas Cidades, 1975.
- INFONET. **Aratu Vermelho homenageia Alberto Carvalho**. Disponível em <<https://infonet.com.br/entretenimento/aratu-vermelho-homenageia-alberto-carvalho/>> Acesso em: 25 de fevereiro de 2022.
- MOISÉS, Massaud. **Dicionário de Termos Literários** – Edição revista e ampliada. 1º ed. São Paulo, Cultrix, 2004.
- PAZ, Octavio; **A dupla chama: amor e erotismo**. 1ª ed. São Paulo: Siciliano, 1994.
- _____. **O arco e a lira**. Tradução de Olga Savary. 2º ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- RISÉRIO, Antônio. **Uma história do povo de Sergipe**. 1º ed. Aracaju, Seplan, 2010
- RIMBAUD, Jean Arthur. **A correspondência de Rimbaud**: Cartas da África: Correspondência com Verlaine: Agonia em Marselha. Tradução: Alexandre Ribondi. 2º ed. Porto Alegre: L&PM, 1991.
- SACHER-MASOCH, Leopold Von; **A vênus das peles**. Tradução: Saulo Krieger. Introdução: Flávio Carvalho Ferraz. São Paulo: Hedra, 2008.
- SAMARONE, Antônio. **Arraial, Villa ou Cidade**. Em defesa das causas perdidas. 6 de janeiro de 2022. Aracaju. Disponível em: <<https://blogdesamarone.blogspot.com/2022/01/arraial-villa-ou-cidade.html>> Acesso em 13 de abril de 2022
- _____. **Gente Sergipana – Luiz Eduardo de Magalhães**. Em defesa das causas perdidas. Aracaju. 10 de janeiro de 2020. Disponível em: <<https://blogdesamarone.blogspot.com/2020/01/gente-sergipana-luiz-eduardo-de.html>> Acesso em: 12 de abril de 2022.
- SANTOS, Lenalda Andrade; OLIVA, Terezinha Alves. **Para conhecer a história de Sergipe**. 1º ed. Aracaju, Opção Gráfica, 1998.
- PIRES, Raquel Elisabeth. **Erotismo e religião: um diálogo instigante**. Revista Brasileira de Psicanálise São Paulo, v.41, n.2, p.141-8, jan. 2007. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v41n2/v41n2a14>> Acesso em: 14 abril. 2022.

ANEXO

PRAIANA (De “Em Busca do Verso”, 1959)

Fugirei, sempre, do amor nas praias.
Tenho medo que o meu e o corpo da amada
Não deixem marcas nas areias
Que nosso sangue fique verde, como o mar,
Que as ondas nos abracem e nos levem para lá,
Para o fundo de onde viemos, para o mar.

PRAIANA (II)

Ah! A praia não tinha dunas
Mas duas apareceram
Quando deitaste de bunda p`ro céu.

PRAIANAS (III)

Domingo calipígio.
O sol veste as mulheres
Que insistem em tirar a roupa.
Avenida de saúde, de vaidades
E de decepções.
Praia dos amores pigmaliónicos.
Praia que mostra a escultores
Formas nunca imaginadas.
E o mar, sempre a limpar,
Verdevagando, os que vem ao mar.

CAMPO DE NUDISMO(*)

*(Este poema-intermezzo é uma dívida para minha para com Jean Cocteau)

POEMA DA TARA

Num beijo sangraremos
E nossos sangues, grupo A
(tentativa de autópsia)
Coagulação em nossas bocas
Abafando os nossos ais.
Cheios de maconha
Amaremos muito mais
No amor sonâmbulo e maresíaco das pontes,
No cais ou na praia,
Noturna amante abandonada
Que tudo permite e consente tudo.
Seremos sádicos na lama
Chamaremos Masoch nas pedras.
Deixaremos que a brisa do mar
Faça música nos nossos cabelos do amor.
E se te pegar em um outro dia
Farei (não!) não direi.
Leiam as manchetes dos jornais!

MANHÃ DE UMA NOITE DE AMOR

A aurora entrava pela janela
 Violentando a noite não dormida.
 Símbolo do cansaço do meu e do teu amor
 Teus cabelos, revoltos, aninhados nos lençóis.
 Teu corpo era um pedaço da alba que chegava
 Teu negro púbis – um resto da noite que passou.

RESPOSTA

O que mais gostei em você?
 Seus seios paralelos
 Que se encontrariam no infinito
 Se um dia não os tivesse unido.
 Com dois beijos meus,
 Violentando sua geometria.

CURVAS SUSTENTADAS (De “Leonardo, Bernini e outros poemas”, 1999)

O barroco há muito me acompanha
 A corcova da serra de Itabaiana
 Velha matrona de braços deitada
 Curvilínea e sem adiposidades
 A doidivas Mãe West
 Vista no cinema de Zeca Mesquita.
 O universo é curvo, cito outra vez
 O Alberto, não eu, o Einstein.
 Pigmalião beijou
 Sua curvilínea estátua.
 No barroco morreria

Sufocado em curvas.
 Fluidos correm com a visão do Barroco
 E o maneirismo estupendo da Itália.
 Com o rococó francês
 E o genial Aleijadinho.
 Há curvas que podem ``boulerverser``
 Cristãos e pagãos:
 Formas generosas de Rodin
 Requentadas curvas de Brancusi
 A lânguida postura de Santa Tereza
 Aguardando a reta flecha do anjo
 Palpitando vida, drapejando o mármore
 Ainda quente do cinzel
 Do genial Bernini,
 No arquejo da epilepsia orgásmica.
 Santa também goza.

BANANA/MAÇÃ

O naturalista Lineu
 Mais safado do que eu
 Batizou
 Latinamente
 A banana
 De “Musa Paradisiaca”
 Fruta fàlica
 Deixa a sensabórica maçã
 Sem a forma anatômica
 Sem o “psyque du rôle”,
 Fora dos amassos edênicos
 Nesta era atômica (ou da informática?)
 Rolando no tempo

De um teólogo amador
 Sigo os passos e a lição
 Finalizando doidas conversas
 Sem formalismos ontológicos
 Ele afirmou que Eva
 Na realidade devorou (“comeu”)
 Dois polpudos genipapos
 E uma magnífica banana-maçã
 Não explicou como tais frutas
 Estavam no Paraíso.

ANATOMIAS

Só se goza
 Onde há mucosas

Direi o onde
 Não o porquê.
 Os carnudos lábios
 A boca sem dentes
 Mordentes
 Mucosas disfarçadas
 Nos seios.
 Mucosas nos vasos
 (anterior e posterior)
 Locais dos nefandos pecados
 Nos tempos da Inquisição.
 Cristão ou pagão
 Nobre, plebeu ou Irmão
 Pecavam. Também padres, santos
 Predicadores e até o sacristão.
 Os nobres se safavam

Clérigos se penitenciavam
Os pobres nas fogueiras se abafavam.
Será que há mucosas
Nas plantas dos pés,
Nos dedões das coças
E das cócegas?
Se existem, os torturados
Também gozavam
Embora, a certeza:

Só se goza
Onde há mucosa.